



ENTREVISTA COM JACYNTHO LINS BRANDÃO

AN INTERVIEW WITH JACYNTHO LINS BRANDÃO

Jacyntho Lins Brandão
Entrevista por: **Rafael**
Guimarães Tavares da Silva*

* gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando no programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (POSLIT) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Caro prof. Jacyntho Lins Brandão, você é um intelectual da área de Letras com considerável reconhecimento público: professor da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG por mais de 40 anos (entre 1977 e 2018), lecionando principalmente a língua e a literatura da Grécia Antiga, além de pesquisador, tradutor, crítico literário e escritor, tendo sido eleito recentemente para assumir a cadeira 25 da Academia Mineira de Letras (antes ocupada pelo ex-governador de Minas Gerais, Francelino Pereira dos Santos). Ao longo de sua carreira, você soube aliar a prática docente, inclusive em várias instituições estrangeiras, com a atividade literária e administrativa, sobretudo em entidades públicas (como diretor da FALE por duas vezes, entre 1990-1994 e 2006-2010, e vice-reitor da UFMG, entre 1994-1998), mas também em privadas, como é o caso da Sociedade Brasileira

de Estudos Clássicos (SBEC), que você ajudou a fundar em 1985. São décadas de empenho ao ensino de cultura, língua e literatura, com um exercício efetivo da responsabilidade social que se espera de um verdadeiro intelectual.

MUITOS ESPECIALISTAS DOS ESTUDOS LITERÁRIOS TÊM CHAMADO ATENÇÃO PARA UMA “CRISE DA CULTURA” NAS ÚLTIMAS DÉCADAS. DA SUA PERSPECTIVA, A CULTURA CONTEMPORÂNEA ESTÁ EM CRISE? QUAL O SEU POSICIONAMENTO PESSOAL COM RELAÇÃO À SITUAÇÃO DA LITERATURA E DOS ESTUDOS LITERÁRIOS HOJE?

Em primeiro lugar acho que temos de qualificar o que significa “crise”. Há uma perspectiva banalizada, que parte da simples ignorância, o que tem tido muito realce nos últimos tempos, de um modo espantoso especialmente no

Brasil. São pessoas que se arvoram a falar sobre tudo apenas de ter ouvido alguma coisa e mantêm posições extremadas, sem possibilidade de avançar. Em geral, parte-se de uma perspectiva conservadora, contrária a qualquer tipo de mudança, justificando tudo em termos religiosos e mantendo uma atitude desse tipo mesmo quando as religiões não se encontram em pauta, sendo substituídas por uma perspectiva de que assistimos ao desmonte da cultura ocidental (e sempre se pensa: “ocidental e cristã”). Não é de hoje esse tipo de proclamação da crise. Nas formulações mais elaboradas, diz-se mesmo que a cultura ocidental é a única que luta contra si mesma, para se exterminar, numa espécie de autofagia.

Do ponto de vista que considero que vale a pena, a crise pode ser entendida como o processo que garante que uma cultura se mantém viva, já que a vida é constante processo de mudança. Então, a crise é um processo rico, que balança as certezas e os valores, instaurando o processo de constante revisão de tudo. A crise – é preciso concordar com os que defendem o outro ponto de vista – é algo inerente a nossa cultura, desde os gregos: aliás, *krísis* é a palavra deles que vem de empréstimo para nós – e em grego ela significa juízo, julgamento, correspondendo a todas as etapas do procedimento judiciário, a acusação, a defesa, a decisão dos juízes; no âmbito medicinal, *krísis* é o ponto agudo de

uma doença; em ambos os casos, a crise só tem fim quando o estatuto incerto do réu ou do enfermo se resolve entre duas possibilidades: no primeiro caso, ser condenado ou absolvido; no segundo, sarar ou morrer. Se isso se aplica a situações específicas, há casos em que a crise se prolonga para além da condenação e morte: o paradigma disso é a condenação e morte de Sócrates, pois gerou uma produção de pensamento e de textos que de certa forma perenizou a crise não só relativa a ele, como à cultura em seu todo.

Um dos expoentes da crise das últimas décadas, que, como todo grande filósofo, não só refletiu sobre ela, como trabalhou para instaurá-la ou, pelo menos, agudizá-la, foi Jacques Derrida. Lembro dele aqui em razão de um texto de 2004, intitulado “Carta à Europa: Dupla Memória”, em que ele escreve:

Velha Europa. Nunca eu te tratei por tu. Passei longos anos a dizer o que alguns interpretavam como mal de ti. Fui durante muito tempo classificado, com razão, entre os filósofos que organizavam o seu trabalho em torno de uma desconstrução do eurocentrismo, sob todas as suas formas. De certo modo, continuo um adversário de toda e qualquer reconstituição de um nacionalismo eurocêntrico. Dito isto, mesmo neste trabalho de desconstrução, senti-me constantemente endividado para contigo, enraizado em ti, “velha Europa”,

que me davas os próprios recursos que eu virava contra ti. Nunca te ignorei nem injurei, como a partir de Washington o fizeram. Hoje, a situação mudou. Vejo em ti aquilo a que chamarei, inspirando-me no nome que é dado a uma velha sinagoga de Praga, a “velha nova Europa”, *Staronova synagoga*, uma Europa que guarda a sua memória, a boa e a má, a luminosa e a sombria. A luminosa é, no fundo, a ideia da filosofia e da democracia, mesmo se me aconteceu desconstruir uma certa tradição desta filosofia e o que se veiculava sob o nome de “democracia”. Que esta nova Europa guarda assim a sua memória luminosa: a filosofia, a democracia, as Luzes, e mesmo aquilo a que se chama, de maneira bastante duvidosa, a “secularização”. Que ela guarde também a sua memória nocturna, a memória de todos os crimes que cometeu na história, e que foram cometidos em seu nome, todas estas formas de hegemonia, de colonialismo e, no decurso deste século, todas as monstruosidades do totalitarismo europeu: fascismo, nazismo, estalinismo.

O que me agrada nessa argumentação é o fato de assumir-se sim a crise que se instaura, ao lado da defesa do direito de que goza todo e qualquer herdeiro de escolher na herança a parte que julga de valor, repudiando o vergonhoso. Mais ainda, essa escolha se faz por dentro, com as armas que a própria cultura que se critica fornece, caso contrário seria algo artificial e de pouco impacto.

Eu concordo inteiramente com os valores apontados por Derrida, sendo esta a parte que escolho na herança – não só como professor de grego (ou seja, passei minha vida dedicado a um dos ramos dos estudos europeus), mas como brasileiro, com todas as contradições que implica ser colonizado, sem negar que somos um dos produtos sim da violência da Europa no seu afã colonizador, mas sem negar o que nossa relação com a Europa (e isso nos leva até os gregos) nos deu: as Luzes, a democracia, a filosofia, a secularização. Sem isso, faltaria discernimento para proceder à escolha daquilo que nos interessa na herança.

Com relação aos estudos literários, uma crítica que ganhou algum eco nas últimas décadas é a questão de que se teriam desvirtuado, transformando-se nos chamados “estudos culturais”. Confesso que tenho dificuldade em entender porque os estudos culturais seriam incompatíveis com os literários, até porque na minha área não se pode tratar da literatura como algo isolado nem se considera o literário de uma perspectiva reducionista. Não teria sentido excluir Heródoto ou Tucídides dos programas de literatura grega antiga só porque são historiadores, ou deixar de ler Platão e os oradores. Na minha opinião, são falsos problemas, embora tenham um papel importante que é o de provocar inquietação. Qualquer área de conhecimento precisa desse processo constante, que produz o debate – muitas vezes acalorado – e a boa crise.

COMO OS ESTUDOS CLÁSSICOS ENCONTRAM-SE PERANTE A SITUAÇÃO ATUAL DE NOSSA CULTURA E DE NOSSA LITERATURA? MUDANÇAS PRÁTICAS PODERIAM SER PROPOSTAS PARA ALTERAR A ATUAÇÃO DOS ESTUDOS CLÁSSICOS EM TAL CONTEXTO?

Os estudos clássicos não se isolam diante dos impasses que cercam as ciências humanas. Também nessa área há um debate, que no Brasil não aparece com força, entre os que têm uma visão de que a função dos estudos sobre a Antiguidade clássica é reforçar os valores ocidentais, e os que apostam nas leituras que enveredam por outros paradigmas, em diálogo com a antropologia, os estudos feministas, os estudos culturais etc. Nos Estados Unidos, principalmente, o embate é mais explícito, havendo quem defenda que a perda de prestígio dos estudos clássicos decorre de se ter abandonado o enfoque até certo ponto ufanista, que consagra essa leitura voltada para corroborar os valores da cultura ocidental.

Acho que, atualmente e em geral, no Brasil, há um bom equilíbrio entre o rigor que se exige na abordagem das culturas antigas e a abertura para leituras diversas. O que é importante nesse aspecto é assumir que o valor dos estudos clássicos se encontra justamente nessa abertura, que valoriza a recepção. Isso supõe, em primeiro lugar, considerar que não há recepção neutra, mas sempre cercada das condições de cada situação. É essa a importância da literatura e de outros produtos das culturas antigas, os quais demonstram sua condição de “clássicos” na medida em que se abrem ao

máximo para o investimento de novos sentidos. Barthes afirmou certa vez que “clássico é todo texto legível”. Essa legibilidade manifesta-se tanto em leituras de primeiro nível – a forma como o leitor comum lê, por exemplo, a *Odisseia* – quanto nas leituras mais sofisticadas, como as da filologia.

No nosso trabalho, enquanto helenistas e latinistas, penso que temos de ter em vista esses diferentes níveis de leitura, com o cuidado de não abandonar a recepção que seria tida como ingênua, pois ela pode ser também informada, produzindo mais riqueza de compreensão para o leitor. O que chamo de riqueza de compreensão é multiplicar as possibilidades de interpretação do texto. O principal, com relação a qualquer texto, é que ele faça sentido para o receptor. Os clássicos, acredito, são clássicos porque suportam em nível máximo essa impressão de sentidos. Noutros termos, eles são clássicos porque abertos ao máximo aos vieses da recepção. Se essa é sua riqueza, é isso que deve ser buscado – e, em termos da atividade dos classicistas – ensinado e divulgado.

O BRASIL E O MUNDO TÊM TESTEMUNHADO CADA VEZ MAIS DESCRENÇA EM SUAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS, COM AS PESSOAS RECORRENDO A DISCURSOS FÁCEIS DE RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS SOCIAIS E ABRAÇANDO PROPOSTAS POLÍTICAS DELIBERADAMENTE ANTIPOLÍTICAS. QUAL O PAPEL DO ENSINO DE CULTURA E LITERATURA EM TAL SITUAÇÃO?

Serei platônico. O tipo de atitude que você descreve decorre de ignorância – não estou usando a palavra em sentido depreciativo, mas no sentido de desconhecimento, de que, na maior parte dos casos, não se pode culpar as pessoas. Então, um primeiro movimento seria o socrático: demonstrar aos que ignoram que não sabem algo. Essa é uma tarefa muito difícil, pois não se trata de chegar para alguém e dizer que ele pensa que sabe algo porque não sabe. É mais um trabalho de formação de longo prazo – ou seja, de educação, *paideia* – que ensine cada um a pensar contra si mesmo. Não aceitar nada como dado, mas pôr tudo em exame.

É aí que a literatura tem um trunfo imenso. Porque ela é capaz de fazer com que cada um saia de sua mesmice para experimentar o mundo da perspectiva do outro. E, desse ponto de vista, quanto mais distante no espaço e no tempo for essa literatura, mais impacto de alteridade ela é capaz de produzir. A literatura antiga tem nisso, acredito, seu máximo valor. Eu passei muitos anos na universidade dando nossa disciplina de Fundamentos de Literatura Grega, em algumas situações para calouros. É visível – e os próprios alunos comentam isso – o quanto entrar em contato com os mitos antigos, em Homero, Hesíodo e no teatro, ou na ficção desenfreada de Luciano, topando com figuras como Édipo e Dioniso, tem a capacidade de fazer com que as pessoas mudem o eixo do mundo de seu próprio

umbigo. Acho que no caso da literatura antiga há uma vantagem que é a de suas personagens e valores estarem num nível muito marcado de alteridade com relação a nós, mas ao mesmo tempo fazerem parte do que nos é familiar. Isso tem um potencial de produzir mudança de visão de mundo muito grande.

AO MESMO TEMPO, O MUNDO ESTÁ CADA VEZ MAIS TECNOLÓGICO, COM O DESENVOLVIMENTO DE APARELHOS QUE PERMITEM UMA CONEXÃO VIRTUAL A QUALQUER MOMENTO ENTRE PESSOAS MUITO AFASTADAS, UM COMPARTILHAMENTO QUASE IMEDIATO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS, ALÉM DO ACESSO A VARIADAS FONTES DE DADOS E INFORMAÇÕES COM MUITA PRECISÃO E PRATICIDADE. DIANTE DESSE QUADRO, COMO JUSTIFICAR SOCIALMENTE O ENSINO DE CULTURA E LITERATURA – OU, MAIS ESPECIFICAMENTE, CASO QUEIRA, OS ESTUDOS CLÁSSICOS?

A principal exigência nesse mundo altamente conectado em que vivemos (e acho que foi só em dois aspectos que chegamos de fato no século 21: na medicina, que hoje faz coisas incríveis, e nessa esfera dos sistemas de comunicação e informação), como eu dizia, a principal exigência nesse contexto é saber avaliar e selecionar o mar de informações postas à nossa disposição. Então, mais que nunca é preciso que educação seja entendida como o desenvolvimento de

capacidades críticas. Muitas vezes, ao dar trabalhos para alunos no início da graduação, eu começo dizendo: primeiro, vocês olham no Google; mas não acreditem em tudo que está lá não; vão à biblioteca conferir as informações. É um dado de realidade, porque é claro que primeiro eles irão mesmo ao Google – o que não é mal, pois a Internet é sim um poço sem fundo, cujo calcanhar de Aquiles está justamente na falta de critério. Então, esse critério tem de ser do usuário e esse usuário é que tem de ser bem formado.

Formação – *paideia* –, como já disse, não dispensa os estudos literários. É por ela, bem como pelas outras formas de arte, que o nosso mundo se expande. Então, no mundo que tecnologicamente se expandiu, a literatura continua absolutamente necessária, inclusive porque ela pode contar agora com os próprios recursos tecnológicos para ampliar seu impacto.

QUE CONSELHO(S) VOCÊ DARIA A PESSOAS QUE ASPIRAM HOJE A SE DEDICAR – EM NÍVEL BÁSICO, MÉDIO OU SUPERIOR – AO ESTUDO OU AO ENSINO DE CULTURA E LITERATURA?

O primeiro conselho é simples: ler. Mesmo com todas as outras formas disponíveis para ter acesso ao mundo, considero que a leitura, enquanto implica numa relação desacelerada com o objeto de nossa atenção, tem um

potencial de formação insubstituível. Quando falo ler não estou falando só de literatura. Quem megalha num texto de álgebra, por exemplo, está fazendo o mesmo exercício de pisar no freio, de sair do turbilhão em que vivemos, para o exercício de pensar com o outro, pois o texto sempre implica num contato com um outro. Uma escola, portanto, principalmente uma universidade é – ou deveria ser – um conjunto de salas de aula e laboratórios em torno de uma biblioteca (que pode ser virtual, desde que não perca o caráter enciclopédico).

A segunda coisa, então, é ter curiosidade. Temos todas as nossas especialidades e elas são necessárias e desejáveis, mas isso não deve tolher o interesse não especializado por assuntos conexos ou mesmo mais amplos. Isso vale para todas as áreas de conhecimento, mas, de novo, podemos dizer que a literatura é a seara por excelência dos curiosos. É que, enquanto leitores, ela não exige de nós que sejamos especialistas. Ela se oferece sem pedir em troca que a desaceleração, o uso de um tempo dedicado ao ócio, ao prazer estético, à reflexão, ao sentimento do mundo.